

Criatividade combate a Aids

Consumo de alimentos normalmente descartados pela população acaba com problemas de vômitos e diarréias em portadores do HIV

José Messias Xavier

Há dois anos, a nutricionista Elaine Siqueira Gonçalves assistia a um programa de TV, em sua casa, quando subitamente, para espanto de seus familiares, exclamou: "Eureka". Na tela, uma reportagem sobre os benefícios da alimentação alternativa, composta de casca de ovo e partes de vegetais que normalmente a dona de casa joga no lixo, como folhas de cenoura e beterraba. A nutricionista, que trabalha com aidéticos no Hospital Estadual Azevedo Lima, em Niterói, no estado do Rio, viu neste tipo de alimentação a saída para complementar as deficiências nutricionais de seus pacientes, que padeciam de dois males comuns aos portadores ativos do HIV: diarréia e vômito.

Os resultados, após dois anos de aplicação, são surpreendentes. Uma pesquisa realizada pela equipe de nutricionistas do hospital revela que os 120 pacientes portadores do HIV ali internados não sofrem mais de diarréia e vômito. "O aidético perde muito líquido e, conseqüentemente, perde peso com a ocorrência freqüente dos dois problemas. Estancar essas manifestações é um excelente auxílio no tratamento dos pacientes. Os tratados no Azevedo Lima não precisam mais tomar remédios contra vômito e diarréia", diz Elaine Siqueira.

O processo para a adoção da alimentação alternativa é simples. Os nutricionistas avaliam as necessidades de proteínas e vitaminas dos pacientes e adicionam na comida normal um complexo contendo casca de ovo, banana, abóbora e folhas escuras de vegetais, além de sementes de girassol. Os alimentos são moídos e o pó é adicionado na comida. A maior quantidade de um vegetal ou outro é determinada pelas

deficiências nutricionais de cada paciente.

Também são consumidos farelos de arroz e trigo, gérmen de trigo, lêvedo de cerveja, melado, rapadura, mel, açúcar mascavo e frutas e hortaliças, com aproveitamento das cascas e talos.

Para aumentar o estoque destes alimentos, Elaine organizou no pátio do hospital uma horta, que é cultivada pelos próprios pacientes e funcionários. A equipe de nutricionistas também orga-



Dos 46 pacientes que consumiram o composto num primeiro momento, apenas três apresentaram retrocessos no quadro clínico

niza mutirões entre os funcionários do hospital, que doam os alimentos que normalmente são descartados.

A idéia de se usar este tipo de alimento com os portadores do HIV surgiu também em decorrência de o Hospital Azevedo Lima atender pacientes de baixa renda, que não podem comprar compostos alimentares produzidos em laboratório. "Estes complexos alimentares industrializados, que chamamos de dietas elementares, são formulações específicas para cada tipo de patologia. Eles são caros e o hospital não tem condição de adquiri-los", afirma Elaine.

Os portadores do HIV internados no Azevedo Lima passaram a receber a alimentação alternativa em dezembro de 92. Os efeitos positivos começaram a aparecer com apenas dois meses de tratamento. Dos 46 pacientes que passaram a se alimentar com o composto, apenas três apresentaram retrocessos no quadro clínico. Do total inicial de internados, 36 apresentavam sintomas de desnutrição antes do consumo do complexo. Hoje, o composto alternativo é oferecido a 120 pacientes.

"Normalmente, acredita-se que a Aids não tem cura e, portanto, a alimentação oferecida aos pacientes não recebe a importância devida. A prova de que isto é um erro está sendo dada pelos resultados de nossa prática no hospital", garante Elaine Siqueira. O hospital implantará em setembro um programa de residência para nutricionistas, com o objetivo de organizar um sistema de observação dos pacientes e de, em conseqüência, disseminar o projeto junto a um número maior de profissionais.

Para a psicóloga Nádia Nasser Tauk, da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, não é apenas a alimentação que ajuda os portadores do HIV a enfrentarem a doença. "É a alimentação somada ao trabalho desenvolvido na horta. Isto cria um ânimo nos pacientes, um desejo de plantar sua própria comida. É uma excelente terapia."

A psicóloga também trabalha com aidéticos e ficou surpresa com os resultados do sistema usado no Hospital Azevedo Lima. "Os portadores do HIV, pelas próprias características da doença, são problemáticos, pois chegam a um ponto que não querem enfrentar a doença. Mas este trabalho prova que o quadro pode ser mudado", afirma. ■